**Balanço das narrativas historiográficas catarinenses sobre a história da escravidão e a possibilidade da História Global, 1970-2017**

**Resumo:**

Esse trabalho tem como proposta, em primeiro lugar, efetuar um balanço das diferentes narrativas que perpassaram o tema da escravidão em Desterro e adjacências, sobretudo dos anos 70 até 2017. Em seguida, busca-se realçar os pressupostos historiográficos presentes nos trabalhos da PPGH/UFSC e UDESC, assim como a configuração de recortes temporais e espaciais, com o intuito de identificar permanências e rupturas no tratamento do tema da escravidão em Santa Catarina. Por fim, será posto em evidência de que forma a História Global pode configurar um campo a mais de possibilidades para o estudo do escravismo catarinense.

Palavras-chave: Historiografia; Escravidão; História Global.

**Introdução**

 O presente artigo tem como objeto a historiografia da escravidão em Santa Catarina (SC), desde os estudos clássicos até a produção mais recente, exemplificada pelos estudos da Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)[[1]](#footnote-1). Um balanço anterior foi realizado pelo historiador Fabiano Dauwe[[2]](#footnote-2), que examinou a produção acadêmica sobre a escravidão em SC num livro organizado para comemorar os 35 anos da historiografia da UFSC. O autor fez um levantamento das maiores influências teóricas aos pesquisadores da UFSC relacionados à escravidão e de como estavam sendo os estudos sobre a escravidão na PPGH até o ano de 2009. A proposta deste artigo visa pensar como estão os recortes temporais e espaciais nos estudos de escravidão em SC de 2010-2017 na PPGH/UFSC e UDESC[[3]](#footnote-3). Para então apresentar a História Global como um campo a mais de possibilidade de escrita da História em SC sobre a escravidão.

 Quando se reflete sobre historiadores e suas histórias, também notamos as suas historicidades, ou seja, aqueles/as que trabalharam com a história de SC e trataram a escravidãodão a possibilidade de identificar que são escritos de diferentes épocas, períodos que influenciam diretamente a sua escrita da História. Nesse sentido, Antoine Prost ao explicitar as “questões do historiador”, elucida o caráter de renovação das questões, dos métodos que os historiadores de diferentes épocas fazem às suas fontes. Portanto, ao pensar-se no debate historiográfico, não como julgamento e, sim como vestígios, fontes históricas, cabe ao historiador ressaltar que: “A pesquisa é, portanto, indefinidamente relançada. A exemplo da lista dos fatos, o elenco das questões históricas nunca estará encerrado: a história terá de ser continuamente reescrita”.[[4]](#footnote-4)

**A historiografia catarinense sobre a escravidão**

 Para explorar, assim, as mudanças da historiografia que pensou a escravidão em SC ira-se utilizar da sistematização realizada pela historiadora Cristina Scheibe Wolff[[5]](#footnote-5) que diferencia as principais características das narrativas históricas de acordo com Peter Burke e um artigo de balanço historiográfico[[6]](#footnote-6) realizado pelo historiador Rafael de Bivar Marquese[[7]](#footnote-7). Com as obras de Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza possibilita-se vislumbrar como esses intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico de SC abordavam a História da escravidão em seus livros. Depois, avançamos para os estudos de Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso e algumas repercussões de suas obras nos historiadores de SC. E o livro “Negro em terra de branco” da professora Joana Maria Pedro e estudantes da UFSC foi resultado de uma nova perspectiva nos estudos sobre escravidão em SC.

 Os autores do IHGSC, Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza são grandes construtores de narrativas sobre Desterro. Fazendo-os um enquadramento de suas vertentes historiográficas, os autores estariam escrevendo dentro de uma perspectiva da História tradicional[[8]](#footnote-8). O primeiro autor escreveu vastas obras de SC, a exemplo do livro “Nossa senhora do Desterro”, obra monumental sobre a História dessa região. No entanto nesta obra às vezes que o autor mencionou a escravidão foi com “estranhamento” aos males nas relações dos senhores e dos escravos e, seu enfoque maior era as grandes autoridades nesse entrelaçamento[[9]](#footnote-9). Mesmo sendo rica em dados de jornais da época e documentos, a professora Joana Maria Pedro em um artigo sobre “Escravidão e preconceito em Santa Catarina: História e historiografia” criticou a obra de Cabral e a de Piazza a esta relação neutra com as fontes. Porquanto do caráter de não expor opiniões a alguns dos casos, como também tratar um fenômeno histórico de forma subjetiva incoerente, e sem um rigor na análise histórica.[[10]](#footnote-10) Todavia, o objetivo maior de Cabral era traçar o desenvolvimento de Desterro do séc. XVIII-XIX; enaltecendo-se os grandes políticos e eventos; por certo, seus livros buscavam de alguma forma construir a memória de Desterro pelo lócus hegemônico.

 Walter Fernando Piazza, historiador e membro do IHGSC, escreveu a obra chamada “O escravo numa economia minifundiária”. Nesta obra pode-se perceber uma História que visa comparar a economia escravista de Desterro com os grandes centros do Brasil. Embora esta análise tenha influenciado certas características de “província periférica” e de “pouca importância”, isto é:

E deve-se aqui considerar que foi a existência da pequena propriedade, predominantemente, que mais acelerou o alijamento do braço escravo do cenário agrícola catarinense, *pois a família do agricultor* – quase sempre muito numerosa-, *prescindia do auxilio escravo* (...) no planalto (...) condiz com a existência de escravos naquela região catarinense, mas, *sem ser exageradamente importante*.[[11]](#footnote-11)

Colocou-se Desterro em relação ao contexto mais amplo para dizer que a produção não se equivalia às do café e do açúcar de outras regiões do Brasil, pois de fato não havia grandes *plantations,* reforçou-se Desterro como uma economia voltada para a subsistência. Ademais, as críticas de Joana M. Pedro[[12]](#footnote-12) novamente cabem, pois, para a autora Piazza ao tratar da escravidão deixa-a tão “irrelevante” por causa da imigração europeia. A relação do trabalhador livre com o escravo para Piazza minimizou o tráfico de cativos na província, consequentemente a economia escravista não teve impacto em Desterro. Ou seja, ao mesmo tempo em que o contingente de africanos no litoral se tornou obsoleto. Assim, Piazza ao tratar da História da escravidão, percebe-a de forma naturalizada: “Na História da Humanidade, desde os tempos imemoriais, se tem a escravidão como forma de sujeição dos vencidos aos vencedores” [[13]](#footnote-13), assim, Joana M. Pedro o crítica, pois o autor foi acrítico ao sistema da escravidão e o deixou como algo inerente a “natureza humana”.

 Os sociólogos Octavio Ianni e Fernando H. Cardoso no livro chamado “Cor e mobilidade Social em Florianópolis” um estudo das populações de origem africana no Sul do Brasil, tinham como expectativa combater mais eficientemente em seus estudos as relações do racismo na escravidão. Não obstante os sociólogos fizeram uma pesquisa histórica em fontes oficiais, relatos de viajantes e a própria historiografia de Desterro[[14]](#footnote-14). Entretanto, ao analisar a escravidão tiveram dificuldades de romper com a narrativa predominante. Em virtude da questão comparativa com as outras regiões do Brasil, numa perspectiva econômica e social, os autores configuraram as relações de poder entre senhores (imigrante europeu pobre também) e escravos fossem mais brandas. Sobretudo pela forte imigração europeia e sua relação com o campo, fazendo-se acreditar que por não haver *plantations*, portanto, homens de grandes riquezas, os trabalhos dos escravos junto aos dos imigrantes tornaram-se as relações mais harmônicas e menos desiguais[[15]](#footnote-15). Na historiografia, os autores reforçaram o campo da nova história (de acordo com Wolff por ser uma história temática),[[16]](#footnote-16) haja vista, suas preocupações com a democracia racial; além de contribuírem com a denúncia ao modo de vida dos afrodescendentes em SC. Mas suas conclusões dialogaram com as tendências tradicionais, principalmente pela leitura dos clássicos de Oswaldo R. Cabral, Henrique Fontes, deixou-os presos também nas classes mais hegemônicas e, como resultado, erros de interpretação e a fragilidade a se livrar da democracia racial.[[17]](#footnote-17)

 Joana Maria Pedro e estudantes de graduação e pós-graduação da UFSC na virada dos anos 80 para os 90, movidos sob processo de mudança na historiografia nacional escreveram o livro chamado “Negro em terra de branco”. Assim, levados a problematizar os autores descritos acima, sobretudo pelo caráter de suavidade que tratavam as fontes em relação com a escravidão em SC. Se dedicaram a escrever esse livro aos escravos e as questões de preconceito. Os autores também perceberam a carência historiográfica sobre a escravidão em SC com rigor metodológico e teórico. Com efeito, sua obra já está relacionada ao campo historiográfico que se tornou frutífero aos futuros historiadores da escravidão em SC – principalmente com a nova história – a História Social[[18]](#footnote-18). Uma obra não tão sofisticada por ser iniciante nessa temática, mas que dialogava com aspectos estruturais e sociais, haja vista, na questão econômica os autores conseguem desenvolver olhares para o excedente econômico de Desterro para além das fronteiras Nacionais:

Santa Catarina se integrou ao processo geral de colonização do país, que visava a exportação para o mercado internacional (...) a pesca da baleia, pelos altos lucros que proporcionava (...) tal ocupação exigia maior concentração de capital e, consequentemente, a participação de maior número de escravos.[[19]](#footnote-19)

Diferentemente de Piazza, que rotula geralmente a economia na forma de subsistência. Na verdade, concordam que Desterro não estava efetivamente “ao mesmo nível” das *plantations* e, de certa maneira, não se equivalia às demais partes do Brasil. No entanto, souberam compreender os alcances internacionais dessa economia, e identificaram a sua integração a um sistema mais abrangente da escravidão.[[20]](#footnote-20) Também, percebe-se que Joana M. Pedro e os estudantes estão mais interessados nas relações sociais de poder, os preconceitos em fontes como jornais, o que evidencia a profissionalização do historiador em SC e sua proximidade com as tendências historiográficas do momento. Por exemplo, ao verem os jornais como “num meio social concreto” que também leva as visões da elite, “(...) a questão do preconceito, uma das características marcantes destes jornais é a racialização de suas notícias e informações. Ou melhor, a racialização das notícias e informações pelo lado do negro”[[21]](#footnote-21). Ademais, os olhares desses historiadores começaram a sair dos aspectos macro políticos (de grandes autoridades e eventos), contrapondo-se aos autores descritos acima. Marquese identifica essa questão com a “crise das grandes narrativas” que foram causadas pelas críticas ao estruturalismo e o marxismo nos anos 70.[[22]](#footnote-22) No entanto, sabe-se que essas mudanças não ocorrem ao mesmo tempo em todos os centros universitários, em SC essas mudanças foram mais progressistas, até mesmo no livro supracitado.

Esse mapeamento de diferentes perspectivas e autores que, de alguma forma, trataram da escravidão em SC, é para se destacar que com o passar do tempo as preocupações dos historiadores foram se alterando em relação aos seus contextos, surgindo novas perguntas. Por isso, tratara-se das pesquisas de pós-graduação da UFSC e UDESC de 2010-2017 com o intuito de mapear também as suas linhas historiográficas e seus recortes temporais e espaciais.

**PPGH dos anos de 2010-2017, permanências ou rupturas historiográficas**

Nos anos 2000 o campo de pesquisa da escravidão em SC se expandiu de forma significativa. Isso, todavia, se dava a outros aspectos da História da escravidão que começaram a ser investigados. Relacionados às mais novas tendências historiográficas, os professores e os estudantes da PPGH da UFSC[[23]](#footnote-23) aumentaram consideravelmente as pesquisas relacionadas à abolição dos escravos, seus costumes, suas efetivas participações em Desterro e etc. até o ano de 2009.[[24]](#footnote-24)

Sobre as dissertações e teses da PPGH/UFSC do ano de 2010-2017[[25]](#footnote-25), percebe-se a continuação da História social e cultural. Como na dissertação de 2011 da Fernanda Zimmermann[[26]](#footnote-26), que evidencia uma estrutura econômica local muito complexa, seu olhar é para os escravos e sua real participação nas fortunas, relações de trabalho e estratégias para sobreviver num processo de desbravar as questões internas desses sujeitos. Em 2014 mais uma dissertação com a pesquisa relacionada aos africanos em SC, do Fernando Bartholomay Filho[[27]](#footnote-27) cuja preocupação gira em torno da memória da abolição da escravidão nas imprensas de SC. Elucida-se sobre as diferentes narrativas que influenciaram esse momento histórico, através de intelectuais, jornais, também com os membros do IHGSC etc. e seu estudo visa problematizar esses discursos, e eventos comemorativos que a partir da abolição se tornaram festivos, como 13 de Maio. Já em 2015 é o trabalho do Jaime José dos Santos Silva[[28]](#footnote-28), o autor exibe uma preocupação com a cultura afro-brasileira em SC, por isso, ele quer traçar o contexto histórico da dança Cacumbi, suas distintas repercussões a variados autores. De forma diacrônica Jaime percebe as disputas, os jogos de interesses nessa memória e, de modo geral, como o Cacumbi foi sendo visto desde “incivilizado” a uma grande celebração. Por fim, já no ano de 2016, mas sem ser SC o alvo de discussão, Ariana Moreira Espíndola[[29]](#footnote-29) escreveu sua dissertação baseada na lei de matrículas de escravos nos anos de 1871, assim a autora visa historicizar essas matrículas, com a sua efetividade na prática e como os escravos e senhores a utilizaram, como expressão para a liberdade ou para a escravidão[[30]](#footnote-30). Na UDESC encontrou-se a dissertação da Janaina Amorim da Silva de 2011 que buscava no pós-abolição na cidade de São José em SC as trajetórias dos afrodescendentes, suas memórias, resistências, trabalhos e espaços que frequentavam; também a agência desses afrodescendentes e suas redes de sociabilidade que permitiram “burlar as dificuldades do pós-abolição”.[[31]](#footnote-31)

 Sobre as pesquisas expostas pode-se tirar algumas considerações dos trabalhos que tratam da escravidão em SC nos anos de 2010-2017. Espacialmente buscou-se um maior conhecimento do local que esses afrodescendentes ou escravos se relacionavam, suas resistências e, portanto, sua esfera de ação no campo social e cultural. Temporalmente também se percebe uma concentração de trabalhos realizados sobre o século XIX e XX. Já a escravidão no período colonial em SC ainda não foi explorada. Em relação a tendência historiográfica, mostra-se a inserção do pensamento thompsiano na historiografia brasileira que desde a década de 80, sobretudo na linha de História Social e Cultural faz parte de quem trabalha com a escravidão. Num panorama dessa década teve-se o surgimento de vigentes atores (movimento negro, feminismo) na cena política, a crise do estruturalismo e do marxismo, somado a perca das chamadas “grandes narrativas”. São fatores que levaram o pensamento de Thompson para as universidades brasileiras, esses historiadores iniciaram pesquisas onde as experiências dos sujeitos históricos se tornaram o foco da análise, não mais como sujeitos passivos, mas ativos e, portanto, não mais simples receptores da relação de dominação e exploração. Seguindo essa linha que as PPGH da UFSC e UDESC buscaram desenvolver seus estudos da escravidão em SC. A contraponto dos avanços obtidos na historiografia brasileira a partir dessa perspectiva do marxismo inglês de Thompson, há uma linha da historiografia que crítica essa ênfase na agência histórica. Principalmente pelo abandono e um descaso com “os processos históricos de longa duração e os quadros globais mais amplos (…) as forças estruturais do capitalismo histórico”[[32]](#footnote-32)

 A historiografia precisa avançar para além desse debate entre o foco da agência ou das longas durações. A história global é uma perspectiva que possibilita a articulação entre essas duas tradições historiográficas. Jacques Revel considera que o jogo de escalas pode ser uma via de acesso ao passado onde possamos verificar as especificidades do cotidiano juntamente com os processos de longa duração. Sebastian Conrad traz a perspectiva da história global como uma forma de integrar o micro e o macro, seja temporalmente ou espacialmente, onde atores históricos se integram a dinâmicas globais, por exemplo.[[33]](#footnote-33)

 Neste sentido, com a mudança da área de concentração da PPGH/UFSC para História Global, far-se-á uma abordagem que espera contribuir para futuras pesquisas do tema e mais especificamente em SC.

**Escravidão em Desterro e a História Global?**

 No que perpassa os estudos atuais, a História Global configura-se de diferentes caminhos ao estudo da História, sobretudo para a escravidão a abordagem da História Global pode servir para novas perguntas as fontes, hipóteses e abertura de possibilidades em locais onde a escravidão é vista como menos intensa. A exposição da História global neste trabalho não quer esgotar e definir, mas alongar as possibilidades de escrita da História[[34]](#footnote-34). Como História global, porém, cabe ressaltar a diferença entre História Universal e História Global a partir de Hugo Fazio Vengoa, a qual “La historia global es el reconocimiento del inicio de un mundo en común y no de un hipotético mundo común**”[[35]](#footnote-35)** Isso possibilita identificar processos de integrações entre indivíduos históricos e sistemas econômicos, jurídicos de longa duração, também integrar espaços com as dinâmicas do capitalismo, por exemplo, e, em diferentes escalas de observação[[36]](#footnote-36).

 Assim, para colocar essa abordagem em debate é importante elucidar que não se trata de excluir outras tendências historiográficas, haja vista, o que Serge Gruzinski diz é que “muitas foram as críticas formuladas em relação à natureza totalizante das chamadas “grandes narrativas”, tipicamente caracterizadas por uma qualquer forma de verdade transcendente ou universal”[[37]](#footnote-37). Em outras palavras, com o retirar dessas grandes narrativas e focalizar nas abordagens em determinados locais, pode-se gerar estudos historiográficos isolados, que ao máximo comparam nas esferas nacionais[[38]](#footnote-38). E ao contrário, a História Global se esforça para romper as fronteiras nacionais e consequentemente criticar o eurocentrismo que se carrega desde o século XIX[[39]](#footnote-39).

Assim, recentemente, o historiador Henrique Espada Lima, trabalhou com duas perspectivas históricas: a da micro-história e a História Global, para contar a vida de Augusto Mina[[40]](#footnote-40) um escravo em Desterro. Antes de serem conceitos excludentes, viu-se ser possível adentrar na vida do sujeito e do sistema que o insere:

Podemos começar com a longa história do trabalho escravo: Augusto foi transportado para a costa brasileira por rotas tradicionais de intercâmbio de bens e mercadorias que a conectava às distantes margens da África, Europa e além. (...) Ele foi ilegal­mente transportado para o Brasil, onde tratados internacionais e a lei local haviam tornado o comércio negreiro ilegal desde 1831. Capturado em 1850 em uma daquelas raras ocasiões em que aquela lei foi realmente colocada em prática, como resposta parcial à pressão britâ­nica, Augusto foi colocado em uma nova categoria jurídica que foi criada pelas mesmas leis internacionais responsáveis pela abolição do tráfico no longo prazo (...) Augusto estava envolvido na infraes­trutura das conexões mercantis entre a costa brasileira e o resto do mundo (...) Se Augusto estava consciente da natureza das suas relações com os outros, tanto as solida­riedades quanto as hierarquias, então ele também entendeu as possibilidades de mobilidade so­cial e reconhecimento abertas a homens como ele. A despeito da sua reputação, provavelmente acurada, de ser muito cioso do seu dinheiro e pouco afeito a gastos, ele certamente prestava uma atenção considerável na sua autoapresentação, e em seus raros momentos de lazer ou de apresentação pública fora do trabalho, podemos facilmente imaginá-lo vestindo seu costume preto, com sapatos, gravata de cetim e outros itens finos encontrados entre os pertences ava­liados em seu inventário.[[41]](#footnote-41)

Visto isso, o autor consegue trabalhar com a “agência” de Mina no seu espaço de relações, explicita-se sua vida material e social, seu espaço de trabalho, o seu inventário etc. na escala da micro-história. E, além disso, soube administrar as estruturas do sistema da escravidão, envolvendo os limites e acessos de sua personagem, ou seja, num nível de integração da História de Augusto Mina com o sistema estrutural da escravidão, conseguiu-se sair do Baú de Mina até suas conexões além-mar.

 Esse caminho que se abre para a História com a abordagem da História Global, como processo, está imbricado a complexas escalas de integrações cuja sua explicação deve considerar como horizonte a História desse mundo conectado. E, portanto, pensar a História de SC, nesse caso mais especificamente a escravidão nela como parte integral do todo, é antes de mais nada retirar esse rótulo de não pertencimento a História “maior”. Como fez Beatriz Galloti Mamigonian ao mostrar desde as distintas etnias africanas que chegaram a Desterro e seus conflitos entre si, e o processo de mestiçagem nesses embates culturais e sociais. O fluxo econômico de Desterro e sua efetiva participação nas compras de escravo, também do tráfico, seja diretamente ou indiretamente, faz-se clara a sua ligação a instituição escravista.[[42]](#footnote-42) Sendo assim, com esse e os outros caminhos apontados acima, torna-se perceptível o quão possível é escrever efetivamente a História de Desterro e adjacência numa perspectiva da História Global. Não somente como coadjuvante nessa temática, por suas especificidades, mas como integrada a uma longa duração da instituição escravagista.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BARTHOLOMAY, Fernando Filho. *A memória da abolição em Santa Catarina: imprensa, cultura histórica e comemorações (1889-1930).* 2014. 145f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Editora Laudes, 1970.

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro: memória***.** Editora Lunardelli, 1979.

CONRAD, Sebastian. *What Is Global History?* Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2016.

DA SILVA, Janaina Amorim. *Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José no pós-abolição.* 57f. Dissertação (em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

DAUWE, Fabiano. *Os estudos sobre escravidão em Santa Catarina*. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lice (org.). Historiografia 35 anos. Florianópolis (SC): Ed. Letras Contemporâneas, 2010, p. 44-59.

ESPÍNDOLA, Ariana Moreira. *Papéis da escravidão: a matrícula especial de escravos (1871).* 2016. 251f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Univ. of California Press, 1986.

GRUZINSKI, Serge. *A Amazônia e as origens da globalização (sécs. XVI-XVIII): Da história local à história global*. Belém, Estudos Amazônicos, 2014.

GRUZINSKI, Serge. *Até que ponto a história nos torna mais humanos?* Ler História, n. 70, p. 185-197, 2017.

HARTOG, François. *Experiências do tempo: da história universal à história global.* História, Histórias, v. 1, n. 1, p. 164-179, 2013.

IANNI, Octavio; CARDOSO, Fernando Henrique. *Cor e mobilidade social em Florianópolis.* São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1960.

LIMA, Henrique Espada*. No baú de Augusto Mina: o micro e o global na história do trabalho.* Topoi (Rio de Janeiro), v. 16, n. 31, p. 571-595, 2015.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti.*Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850)* In: FRAGOSO, João et. al. Nas rotas do Império. Vitória: EDUFES, 2006, p. 609-643.

PEDRO, Joana Maria et al. *Escravidão e preconceito em Santa Catarina: história e historiografia.* LEITE, Ilka B. Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

PEDRO, Joana Maria. **Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX.** Mercado Aberto, 1988.

PIAZZA, Walter Fernando. **O escravo numa economia minifundiária.** São Paulo. Resenha Universitária. 1975.

PIAZZA, Walter Fernando. **A escravidão negra numa província periférica.** Garapuvu, 1999.

REVEL, Jacques. **“Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado”**. Revista Brasileira de Educação, Vol. 15, No. 45 (set./dez. 2010). p. 434-444.

SILVA, Jaime José dos Santos. **Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX.** 2015. 197f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia**. Modern Asian Studies, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VENGOA, Hugo Fazio. **La historia global y su conveniencia para el estudio del pasado y del presente.** Historia Crítica, 2009.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia catarinense: uma introdução ao debate.** Revista Santa Catarina em História, v. 3, n. 1, p. 52-61, 2010.

ZIMMERMANN, Fernanda. **De armação baleeira a engenhos de farinha: fortuna e escravidão em São Miguel da Terra Firme-SC: 1800-1860.** 2011. 142f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

1. Trata-se da historiografia catarinense no sentido que se tornaram momentos de mudança na concepção de escrita da história – neste caso da escravidão em SC. Por isso, não se presa somente os trabalhos produzidos em SC. Também não se tem a pretensão de abarcar todas as obras que puderam acarretar uma outra perspectiva, mas aquelas que foram se tornando clássicas e com isso revisitadas e criticadas com as novas gerações de historiadores que trataram da escravidão em SC. E o avanço para os estudos da PPGH se dá para identificar-se as principais discussões temáticas, espaciais e temporais. [↑](#footnote-ref-1)
2. DAUWE, Fabiano. Os estudos sobre escravidão em Santa Catarina. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lice (org.). Historiografia 35 anos. Florianópolis (SC): Ed. Letras Contemporâneas, 2010, p. 44-59. [↑](#footnote-ref-2)
3. A pesquisa nas PPGH da UFSC e UDESC em seus acervos foi rápida e visa as preocupações dos historiadores em seus recortes temáticos, temporais e espaciais e a possível linha historiográfica, não que isso reduza seus trabalhos, mas que mostra a tendência historiográfica no seu momento de produção. Quando propormos a História Global não se está julgando a falta dessa neles e nem busca ir além das continuações nas carreiras e futuros trabalhos desses historiadores. Essa exposição de dissertações e teses foi para prestigiar os estudos que se propuseram a tratar da escravidão de alguma forma em SC e como a História Global pode dá novos horizontes a futuras pesquisas. [↑](#footnote-ref-3)
4. PROST, Antoine. Doze lições sobre a História. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p.78-85. [↑](#footnote-ref-4)
5. WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. Revista Santa Catarina em História, v. 3, n. 1, p. 52-61, 2010. [↑](#footnote-ref-5)
6. Sabe-se do risco que é tentar enquadrar historiadores em certas chaves historiográficas, mas para mostrar as diferentes formas que houve sobre a escrita da história da escravidão em SC precisa-se encaixá-los em certas tendências. [↑](#footnote-ref-6)
7. DE BIVAR MARQUESE, Rafael. As desventuras de um conceito: capitalismo histórico e historiografia sobre a escravidão brasileira. Revista de História, n. 169, p.223-253, 2013. [↑](#footnote-ref-7)
8. Ibid, 2010, p.55. Embora Piazza não só escreva sobre política, haja vista, que há obras relacionadas à economia, por exemplo. [↑](#footnote-ref-8)
9. CABRAL, Oswaldo R. Nossa Senhora do Desterro: memória. Editora Lunardelli, 1979. Ver também: CABRAL, Oswaldo R. História de Santa Catarina. Editora Laudes, 1970. [↑](#footnote-ref-9)
10. PEDRO, Joana Maria et al. Escravidão e preconceito em Santa Catarina: história e historiografia. LEITE, Ilka B. Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. [↑](#footnote-ref-10)
11. PIAZZA, Walter Fernando. O escravo numa economia minifundiária. São Paulo. Resenha Universitária. 1975, p.83. (destaque nosso). Ver também: PIAZZA, Walter Fernando. A escravidão negra numa província periférica. Garapuvu, 1999. [↑](#footnote-ref-11)
12. PEDRO, Joana Maria. op. cit.,p.234-235. [↑](#footnote-ref-12)
13. PIAZZA, Walter Fernando. op. cit. p.33. [↑](#footnote-ref-13)
14. IANNI, Octavio; CARDOSO, Fernando Henrique. Cor e mobilidade social em Florianópolis. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1960. [↑](#footnote-ref-14)
15. DAUWE, Fabiano. op. cit., p. 50. [↑](#footnote-ref-15)
16. WOLFF, Cristina. op. cit., p.59. [↑](#footnote-ref-16)
17. FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala. Univ. of California Press, 1986. Democracia racial é uma crítica de alguns historiadores e sociólogos que interpretam a obra de Gilberto Freyre, mas, também de outras obras do período. E em São Paulo havia um projeto, encabeçado por Florestan Fernandes, que buscou sair dessa percepção da escravidão brasileira, Octavio Ianni e Fernando H. Cardoso estavam relacionados, mas ao analisarem SC não conseguiram sair desses lócus. [↑](#footnote-ref-17)
18. WOLFF, Cristina. op.cit., p.60. [↑](#footnote-ref-18)
19. PEDRO, Joana Maria. Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX. Mercado Aberto, 1988. p.15-17. [↑](#footnote-ref-19)
20. PEDRO, Joana Maria. op.cit. p.9-18. [↑](#footnote-ref-20)
21. PEDRO, Joana Maria. op. cit. p. 38. [↑](#footnote-ref-21)
22. DE BIVAR MARQUESE, Rafael. op. cit. p. 228-229. [↑](#footnote-ref-22)
23. Na nossa pequena pesquisa sobre dissertações e teses que tratavam da escravidão na PPGH da UDESC só encontramos um trabalho de 2011. Bom, cabe relembrar que a pesquisa na plataforma foi com a palavra “história da escravidão em SC”. Mas a dissertação também se encaixava à essas novas tendências. [↑](#footnote-ref-23)
24. DAUWE, Fabiano. op. cit., p.50-54. [↑](#footnote-ref-24)
25. Ou seja, o levantamento foi baseado nas titulações das dissertações e teses, portanto as que tratavam do tema escravidão, mas não estava em seu título não foi relacionada a pesquisa. Porque não buscamos esgotar as pesquisas dos pós-graduandos que tratam desse tema, mas apenas elucidar algumas tendências maiores nesse campo de pesquisa. [↑](#footnote-ref-25)
26. ZIMMERMANN, Fernanda. De armação baleeira a engenhos de farinha: fortuna e escravidão em São Miguel da Terra Firme-SC: 1800-1860. 2011. 142f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. [↑](#footnote-ref-26)
27. BARTHOLOMAY, Fernando Filho. A memória da abolição em Santa Catarina: imprensa, cultura histórica e comemorações (1889-1930). 2014. 145f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. [↑](#footnote-ref-27)
28. SILVA, Jaime José dos Santos. Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX. 2015. 197f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. [↑](#footnote-ref-28)
29. Mostrou-se essa dissertação para evidenciar o campo teórico e metodológico que foi utilizado para tratar da escravidão. Mesmo não sendo um trabalho que envolve Santa Catarina diretamente. [↑](#footnote-ref-29)
30. ESPÍNDOLA, Ariana Moreira. Papéis da escravidão: a matrícula especial de escravos (1871). 2016. 251f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. [↑](#footnote-ref-30)
31. DA SILVA, Janaina Amorim. Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José no pós-abolição. 57f. Dissertação (em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. [↑](#footnote-ref-31)
32. DE BIVAR MARQUESE, Rafael. op.cit., p.228-230. [↑](#footnote-ref-32)
33. REVEL, Jacques. “Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado”. Revista Brasileira de Educação, Vol. 15, No. 45 (set./dez. 2010). p. 434-444. CONRAD, Sebastian. What Is Global History? Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2016. [↑](#footnote-ref-33)
34. Para uma introdução a História Global é interessante os trabalhos: CONRAD, Sebastian. What Is Global History? Citado acima. Ver também: SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. Modern Asian Studies, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997. [↑](#footnote-ref-34)
35. VENGOA, Hugo Fazio. La historia global y su conveniencia para el estudio del pasado y del presente. Historia Crítica, 2009. “A história global é o reconhecimento do início de um mundo em comum e não de um hipotético mundo comum”. P.316. [↑](#footnote-ref-35)
36. CONRAD, Sebastian. op. cit., p. 60-65. [↑](#footnote-ref-36)
37. GRUZINSKI, Serge. Até que ponto a história nos torna mais humanos? Ler História, n. 70, p. 185-197, 2017. [↑](#footnote-ref-37)
38. Portanto, o problema não é a História Local em si, mas o perigo de tornar o estudo ilhado. [↑](#footnote-ref-38)
39. CONRAD, Sebastian. op. cit. p.6-10. [↑](#footnote-ref-39)
40. LIMA, Henrique Espada. No baú de Augusto Mina: o micro e o global na história do trabalho. Topoi (Rio de Janeiro), v. 16, n. 31, p. 571-595, 2015. [↑](#footnote-ref-40)
41. Ibid, p.585-589. [↑](#footnote-ref-41)
42. MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850) In: FRAGOSO, João et. al. Nas rotas do Império. Vitória: EDUFES, 2006, p. 609-643. [↑](#footnote-ref-42)